



School of the Americas

*O combate à ameaça socialista nos Estados
Americanos*



Felippe Ribas

Marcela Emediato

Vinícius Nabak

Apresentação da Mesa

Senhores delegados,

Sou Felipe Miranda Ribas, curso o último ano do curso técnico em Redes de Computadores no CEFET-MG, e comporei a melhor mesa diretora do MOCS IV, a *School of the Americas* (Escola das Américas).

Quando eu estava procurando um comitê para a quarta edição do MOCS fiquei angustiado em achar um que me atraísse à atenção e servisse para engrandecer cada vez mais os meus conhecimentos pessoais. Muito pesquisei, e muitas ideias surgiram, porém fiquei atento a questões que envolvessem a América Latina. Não conhecia nada sobre a *School of the Americas*, e depois de muitas pesquisas não acreditei que uma reunião dessas nunca havia sido feita em uma simulação de Belo Horizonte.

Gostaria de agradecer imensamente à Marcela (perfeita) que me auxiliou na escolha do comitê e sempre se mostrou competente e atenta a questões relevantes em discussões, sem ela eu nunca faria parte deste trabalho. Também gostaria de fazer um agradecimento ao Vinícius Nabak, que sempre me surpreende positivamente e se mostra dedicado em tudo que faz. Ele é realmente o futuro que eu desejo para este projeto tão amado. Espero que estejam todos tão animados quanto eu. Sejam vindos à *School of the Americas*!

Meu nome é Marcela Emediato, formada em Redes de Computadores pelo CEFET-MG, e irei compor a mesa diretora do melhor comitê do MOCS IV, a *School of the Americas*.

A situação da América e de países em desenvolvimento é uma questão que sempre me chamou a atenção. Fui diretora da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) durante o MOCS III, e,

agora, poder analisar as semelhanças e influências que mantiveram regimes militares por tantos anos em nosso continente é muito interessante.

Por fim, gostaria de agradecer ao Ribas pela oportunidade de novamente compor a mesa ao lado pessoas tão competentes e dedicadas, como ele e o Nabak. E espero que os senhores estejam tão ansiosos quanto eu para a chegada do MOCS IV!

Meu nome é Vinícius Nabak e curso o segundo ano do curso técnico de Equipamentos Biomédicos no CEFET-MG. Sempre gostei muito de política e das questões do cenário internacional, o que fez com que eu adorasse simular desde a minha primeira vez. Vejo essas simulações como uma grande oportunidade para o aperfeiçoamento da cidadania e de grande importância para a prática de nossos aprendizados, sendo um imenso orgulho participar do MOCS e orgulho ainda maior ao ser diretor-assistente.

Assim como muitos de vocês, eu não sabia o que era a *School of the Americas* (SoA), mas assim que compreendi a correlação entre a instituição e contexto histórico, vi a tanto que seria intrigante e fantástico essa simulação. Foi uma gigantesca honra poder trabalhar com a Marcela e o Felipe, os diretores mais legais para o comitê mais legal de todos, cujos trabalhos tornaram esse gabinete o melhor!

Sumário

Apresentação da Mesa	2
1. Introdução.....	6
2. Nota Introdutória.....	7
3. Efeitos da Segunda Grande Guerra	9
3.1. O início.....	9
3.2. Os Estados Unidos e as Américas.....	10
3.2.1. Antes e durante a Segunda Guerra	10
4. Guerra Fria.....	12
4.1. O mundo bipolar.....	13
4.2. A Paz Armada.....	14
4.3. Corrida Armamentista	16
4.4. Ações internacionais	17
4.4.1. Organização do Tratado do Atlântico Norte	18
4.4.2. Pacto de Varsóvia.....	18
4.4.3. Movimento Não Alinhado	19
5. O Avanço do Comunismo.....	20
5.1. Revolução Cubana.....	20
5.1.1. O domínio americano.....	20
5.1.2. A marcha para a Revolução	20
5.2. A Revolução Cubana e a América Latina	22
6. Os Estados Unidos e a América Latina.....	24
6.1. Operação Condor.....	24
6.2. Regimes na América Latina	24
6.2.1. Argentina	25
6.2.2. Peru	26
6.2.3. Guatemala	26
6.2.4. El Salvador	28
6.2.5. Equador	29
6.2.6. Honduras	30
6.2.7. Bolívia	30
6.2.8. Panamá	31

6.2.9. Chile.....	32
7. Nicarágua	33
7.1. O império Somoza	33
7.1. Frente Sandinista de Libertação Nacional	34
7.1. A Revolução de 1979.....	35
8. <i>School of the Americas</i>	37
8.1. Objetivos	37
8.2. Treinamento	38
8.1. Estrutura da Reunião	38
9. Perguntas a serem respondidas.....	39
10. Participantes da Reunião	39
10.1. Leopoldo Galtieri – Argentina.....	39
10.2. Jorge Videla – Argentina.....	40
10.3. Emilio Massera – Argentina	41
10.4. Hugo Banzer – Bolívia	41
10.5. Luis Arce Gomez – Bolívia.....	42
10.6. Pablo Belmar – Chile	42
10.7. Raul Iturriaga – Chile	43
10.8. Odlanier Rafael Menos Salinas – Chile.....	44
10.9. Harold Bedoya Pizarro – Colômbia	44
10.10. Roberto Hernandez Hernandez – Colômbia	45
10.11. Roberto D’Abuisson – El Salvador	45
10.12. Domingos Monterrosa – El Salvador.....	46
10.13. José Guillermo García – El Salvador	46
10.14. Guillermo Rodriguez – Equador	47
10.15. Efrain Ríos Montt – Guatemala.....	47
10.16. Otto Pérez Molina – Guatemala	48
10.17. Policarpo Paz García – Honduras.....	48
10.18. Manuel Noriega – Panamá	48
10.19. Vladimiro Montesinos – Peru	49
10.20. Luis Alfredo Maurenre - Uruguai	49
11. Referências	50

1. Introdução

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos estavam empenhados em ajudar as forças anticomunistas globalmente, tanto clandestinamente quanto publicamente. Essa assistência tomou forma em ajuda financeira e militar: envio de conselheiros militares, apoio tecnológico e de inteligência e treinamento avançado. Quando esse auxílio começou na América Latina, os Estados Unidos viam-no como vital para apoiar o anticomunismo à sua porta, e, portanto, estabeleceu a *School of the Americas* (SoA) no Panamá em 1946. A escola era extremamente popular entre as forças anticomunistas na América Latina e atraiu policiais de elite de toda a região. A *School of the Americas* foi dotada de uma unidade de elite das Forças Especiais do Exército dos EUA, os Boinas Verdes, em cooperação com a unidade paramilitar da Agência Central de Inteligência (CIA) - a Divisão de Atividades Especiais. Os alunos eram instruídos e preparados para a guerra não convencional, aprendendo a utilizar técnicas de comunicações avançadas, operações psicológicas, demolições e ataques contra insurgentes.

Neste contexto, em 1979, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), com um plano político interno, conseguiu instalar um governo revolucionário na Nicarágua, derrubando o ditador Anastasio Somoza Debayle. O partido prometia um amplo processo de desapropriação, no qual o Estado controlaria as terras e as demais forças produtivas no país. Esse projeto radical foi desaprovado pelo bloco capitalista e por grande parte da população nicaraguense.

A ameaça socialista assombra o continente novamente e líderes influentes da maioria dos países americanos unem esforços para acabar com essa questão. Os Estados Unidos e membros da cúpula católica da Nicarágua investem nos oponentes do governo sandinista, conhecido como “os contras”. Governos estão cooperando entre si para um maior auxílio à derrubada deste governo. Militares unidos por todas as nações unem suas forças.

Os homens reunidos nesse próximo encontro da *School of the Americas* detêm muito poder dentro de suas nações, e estarão dispostos a compartilhar as melhores práticas e a trabalhar em conjunto para resolver os problemas que todos enfrentam. Tais problemas incluem lidar com os grupos partidários e de guerrilha dentro de suas fronteiras, abordando as questões sociais e econômicas que afligem seus países, a fim de ajustar o clima internacional em prol da mudança.

Não devemos esquecer que esses ditadores e generais presentes são altamente narcisistas e sedentos por poder, e preferem trabalhar sozinhos a contar com a ajuda de outros. Colocar tantas personalidades parecidas na mesma sala com o objetivo de cooperação criará uma dinâmica única. Esses homens têm contado com a força bruta para atingir o seu objetivo, mas agora deverão usar a sutileza, o sigilo e a diplomacia. Para obter sucesso, os convocados terão que utilizar os dois lados das personalidades que representarão: o severo e o suave.

2. Nota Introdutória

Querido Ex-aluno,

Com base em suas realizações impressionantes desde a sua graduação pela School of the Americas (Escola das Américas), é um prazer em convidá-lo para essa reunião. Enquanto nos reunimos para conversar, trocar histórias e compartilhar experiências, devemos manter três objetivos cruciais em nossas mentes:

- *A contenção do comunismo, da rebelião e das revoltas;*
- *A melhoria das redes de comunicação entre os aliados;*
- *A manutenção de um clima de segurança global estável e uma economia mundial próspera.*

As parcerias estratégicas são vitais à comunicação em todos os momentos. Nossa reunião visa reunir os graduados, como você, que alcançaram posições de grande influência e de autoridade em suas nações, para que possam desenvolver um forte relacionamento e alianças efetivas. Devemos todos trabalhar juntos para forjar novas amizades nessa luta pela liberdade. Não podemos permitir que o orgulho do homem impeça o sucesso da democracia.

No combate aos parasitas do comunismo, é vital que permaneçamos vários passos à frente dos nossos adversários. Ao reunir os líderes mais experientes e qualificados do hemisfério ocidental, temos que garantir que aqueles unidos contra o flagelo do comunismo sejam os mais preparados para enfrentar os problemas deste continente. Como a tecnologia tem avançado, e nossas táticas se tornado mais sofisticadas, não devemos temer o inimigo. A vigilância constante deve ser o nosso credo.

Como você sabe, a formação na escola é um processo bastante rigoroso e desafiador. Como tal, gostaríamos de lhe pedir para falar com alguns dos seus treinadores para lhe atender com a máxima eficácia enquanto você estiver aqui.

No caso de você não ter encontrado nas minhas palavras o incentivo para comparecer à reunião, lembre-se que o continente se encontra em perigo novamente e precisamos que uma ampliação da ajuda militar e financeira seja fornecida para combatê-lo. Estamos dispostos a fazer valer o seu tempo.

Atenciosamente,

Frank Carlucci

Vice-Diretor de Operações da Central Intelligence Agency.

Novembro 1980.

3. Efeitos da Segunda Grande Guerra

3.1. O início

1º de setembro de 1939: tropas nazistas invadiram a Polônia, inaugurando sua tática, a *blitzkrieg*, que se baseava em um fulminante e desavisado ataque por terra e ar. Logo depois, Reino Unido e França reagiram, declarando guerra aos alemães. Começava assim a Segunda Guerra Mundial, o maior conflito da história, que deixou cicatrizes vistas até hoje.

Envolvendo combatentes dos cinco continentes e deixando mais de 50 milhões de mortos, a Segunda Guerra Mundial estendeu-se de 1939 a 1945. Tudo isto foi resultado dos problemas sociais e políticos da Europa, das questões em aberto da guerra passada, do nacionalismo exacerbado e das pretensões da Alemanha de ampliar seus domínios.

De início, Hitler e seus aliados muito tinham para comemorar: conquistaram Paris, obtiveram domínio quase que total da Europa Central e governos simpáticos a eles (a exemplo de Franco e Salazar, ditadores de Espanha e Portugal, respectivamente). Porém, em 22 de junho de 1941, em uma marcha para Stalingrado, os nazistas quebraram o Pacto Molotov-Ribbentrop, no qual União Soviética e Alemanha Nazista se comprometiam num acordo de não agressão mútua, e, meses depois, os japoneses atacaram Pearl Harbor, no Havaí (COMMANGER, 2004). Tais acontecimentos acometeram na adesão da URSS e dos EUA, respectivamente, na guerra, integrando as potências Aliadas, juntamente com França, Reino Unido e China, que combatiam o Eixo, grupo composto por Alemanha, Itália e Japão. A participação de Moscou e Washington foi decisiva para o desenrolar do conflito.

Já em meados de 1944, após muita pressão dos soviéticos, acontece o *Dia D*, no qual foi desferido o golpe crucial para a derrota nazista: tropas aliadas desembarcaram na Normandia francesa, pouco tempo depois já adentram o interior francês e libertam Paris das forças de Hitler. Em dois de

maio do ano seguinte, os soviéticos conquistam Berlim, tornando por encerrada a guerra na Europa (DAVIES, 2008).

Entretanto, no Oceano Pacífico, o Japão continuava lutando, o que tornava a guerra não encerrada por total. Enquanto os soviéticos expulsavam os nipônicos da Manchúria, os ianques atuavam no sul, no Mar de Coral e no atol de Midway, chegando até a desembarcar no território de Hirohito, mais especificamente na Ilha de Iwo Jima. Com todas as ofensivas, o Império Japonês ainda resistia, só se rendendo quando os EUA, numa demonstração de seu poderio bélico, lançou duas bombas nucleares, uma em Hiroshima e outra em Nagasaki.

A II Guerra Mundial é considerada por encerrada em setembro de 1945, quando o imperador japonês anunciou por rádio a rendição e assinou os documentos para tal.

Maior conflito até hoje visto, a Segunda Guerra Mundial marcou a história por várias coisas: pelos horrores do Holocausto; o primeiro uso de bombas atômicas e pelo fanatismo ideológico que tanto o alimentou. Contudo, é o marco para o início de outra tensão. Com a Europa devastada, concretizam-se duas lideranças mundiais: a capitalista e originária do Novo Mundo, os Estados Unidos, e a socialista vinda dos Urais, a União Soviética. Encerra-se uma guerra e inicia-se outra, agora por diferenças ideológicas: a Guerra Fria.

3.2. Os Estados Unidos e as Américas

3.2.1. Antes e durante a Segunda Guerra

Tendo garantido uma situação mais estável após sua independência, os Estados Unidos, buscando consolidar sua posição territorial e o espírito de nação, fizeram seu primeiro ato substancial quanto à América Latina. Isso ocorre em 1846, quando o país norte-americano declara guerra ao México e conquista grande faixa do território mexicano. Vinte e quatro anos depois de tal

conflito, a Guerra Hispano-Americana tem sem fim, na qual Porto Rico fica sobre jurisdição norte-americana. Também é proclamada a *Emenda Platt*, que garantiu aos EUA o poder de intervenção sobre a recém-independente Cuba. No Panamá, país que obteve apoio norte-americano durante seu processo de independência, fica para os ianques o direito de controle e construção do Canal do Panamá. No início do século XX, por meio da política do “*big stick*”, a Casa Branca consolida seu poder de influência sobre o Caribe, com forte presença militar e controle econômico na região (GOBAT, 2013).

Até 1920, grande parte das ações estadunidenses na América Latina era focada nos países mais próximos, principalmente Cuba e México, porém também marcante em todo o Caribe. Na América do Sul, os Estados Unidos também estabeleceram laços, sendo exemplo disso o fato dos norte-americanos se tornarem o maior importador de café brasileiro durante a República Velha. Também vale citar o impulso dos norte-americanos à indústria naval do Chile e a grande importação de bananas colombianas pelos EUA.

Porém, são poucos os feitos de aproximação dos EUA com a América Latina se comparados com os laços na Europa. Enquanto as negociações com os latino-americanos eram mais comerciais e militares, com os europeus eram mais diversificados, havendo muitas de fundo cultural. Com o clima de tensão na Europa na década de 1930 e com a enorme divulgação dos ideais nazifascistas nas Américas, em especial na América do Sul, onde obtiveram grande simpatia, é que um maior estreitamento das relações dos EUA com os vizinhos latinos foi estabelecido.

A *Good Neighbor Policy* (Política de Boa Vizinhança) é iniciada na Conferência Pan-americana de Montevideu (1933), quando Franklin Delano Roosevelt, presidente dos EUA na época, apresenta-a aos vizinhos e passa a incentivá-la. Oficialmente, a política consistiria numa troca: os norte-americanos investiriam e venderiam tecnologia aos vizinhos latinos, que em troca apoiariam as políticas da Casa Branca. Porém, com as lembranças ainda bem guardadas do intervencionismo dos EUA com a Política “*Big Stick*”, os incentivos

econômicos pouco resultaram, partindo então para uma aproximação cultural. Dolores Del Rio, Fred Astaire, Lupe Vélez, Ginger Rodgers e até um catalão disfarçado de cubano, Xavier Cugat, são exemplos de artistas latinos que receberam patrocínio do governo estadunidense e se tornaram grandes estrelas de Hollywood nos anos 30 (GIL, FOSTER, MARAS, 2009). O presidente dos EUA, ainda Roosevelt, mesmo com as sequelas da poliomielite fez questão de realizar visitas aos governantes latino-americanos. Exemplo disso foi a visita do então presidente americano ao Rio de Janeiro, em 1936, na qual conversou com o chefe de Estado brasileiro Getúlio Vargas. Os esforços valeram e fizeram com que os Estados Unidos não fossem os únicos americanos a entrarem na Segunda Guerra Mundial, aderindo de imediato grande parte dos países da América Latina.

Apesar de a guerra ter ajudado nos planos norte-americanos, isso não ocorreu com todos da América Latina. Na Argentina e no Brasil, por exemplo, os governos que ali estavam acabaram por renunciar. Honduras acabou entrando em débito com os gastos nas expedições, entre outros acontecimentos (GILDERHUS, 2008).

Com o final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América se firmaram como uma das lideranças do globo. Em contra partida, a URSS também ascendeu como líder e seguia uma ideologia totalmente contrária à máquina funcional norte-americana e os seus princípios, o que fez a Casa Branca agir e planejar para obter ainda mais hegemonia. O Plano Marshall acabou conquistando aliados, e, a OTAN, os firmando. Na Ásia, não havia grandes interesses de imediato, mas com a Guerra das Coreias, Washington começou a se promover naquele continente.

4. Guerra Fria

A Guerra Fria foi o confronto ideológico, político, econômico e militar travado entre as duas lideranças que ascenderam com a Segunda Guerra Mundial: a liderança capitalista – organizada pelos Estados Unidos – e a liderança socialista – encabeçada pela União Soviética. O enfretamento durou

até a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, que simbolizou o fim do bloco socialista.

A década de 1930, para os Estados Unidos, não foi o suficiente para se concretizar laços e se afiliar a todos os latino-americanos, que também tinham sérios problemas internos: balança comercial com grande dependência de produtos primários, baixos índices educacionais já para aquela época, o débito internacional e as oligarquias que comandavam os governos (ACKER, 1988). Enquanto por um lado o capitalismo poderia enriquecer as nações e caminhar para o desenvolvimento, o socialismo bem podia solucionar os impasses sociais e diminuir as carências. Com todo um cenário promissor, mas com chagas totalmente expostas, a América Latina era um espaço de extrema cautela, onde, tanto o capitalismo quanto o socialismo poderiam funcionar, o que geraram planos e preocupações na Casa Branca, uma vez que seria inaceitável que o líder do capitalismo mundial estivesse num continente socialista.

4.1. O mundo bipolar

A polarização do mundo entre os dois verdadeiros vencedores da Segunda Guerra Mundial começou logo após o fim do conflito. Os Estados Unidos garantiram sua hegemonia sobre os países mais ao ocidente da Europa devido ao Plano Marshall, de 1948. A URSS projetava-se sobre o Leste Europeu, estimulando a instalação do socialismo nos países que havia libertado do domínio nazista (REYNOLDS, 1997). Aos olhos ocidentais, ao estabelecerem tais regimes totalitários e isolados, os soviéticos penduraram no meio do continente uma “*cortina de ferro*” – como foi nomeada pelo ex-primeiro-ministro britânico Winston Churchill, em 1946.

Dos eventos ocorridos em continente americano, há vários de grande relevância. Um de grande notabilidade é a Revolução Cubana. Os Estados Unidos possuíam um grande histórico de intervenções em Cuba, que antes de tudo, era um país extremamente próximo geograficamente. Dessa forma, era uma questão de grande calamidade um governo socialista tão perto da

liderança capitalista, o que ocasionou uma série de sanções de Washington à Havana. Entretanto, a afronta maior à Casa Branca foi a Crise dos Mísseis de 1962, em que os EUA descobriram ogivas nucleares soviéticas em Cuba e ordenaram um bloqueio naval ao vizinho. O Kremlin chegou a enviar uma frota para confronto, mas o líder soviético, Nikita Krushev, cedeu e retirou os mísseis (FERNANDEZ, 2011).

A postura das duas potências mundiais quanto à América Latina mudou drasticamente durante a Guerra Fria, se comparada à postura que tinham durante a Segunda Guerra Mundial. Anteriormente, os Estados Unidos haviam se aproximado dos governos populistas, como os do argentino Perón e do mexicano Cárdenas, porém os governos ditatoriais e militares foram os que ganharam a simpatia da Casa Branca. Ótimos exemplos desta mudança de postura foram o Golpe de Estado na Nicarágua em 1961 e o Golpe de Estado no Chile em 1973, que não teriam ocorrido se não fosse a ajuda da CIA (*Central Intelligence Agency*), que se engaja em atividades secretas a pedido do presidente estadunidense. Por outro lado, a União Soviética, já com uma economia mais estável e com grande sucesso na implantação de projetos socialistas, começava a se aproximar dos partidos comunistas latino-americanos e patrocinou uma série de movimentos e guerrilhas que compartilhavam de sua ideologia, como auxílios fornecidos por Moscou a Cuba e às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) (BLUM, 2003).

4.2. A Paz Armada

Numa época em que a garantia de não ocorrer uma destruição em massa do planeta eram mísseis apontados entre duas potências, o melhor jeito de se assegurar é se armando. O mundo todo vivia o preceito de *Si vis pacem, para bellum* (Se queres a paz, prepare-se para a guerra), que tanto tinha alimentado a Europa pré-Primeira Guerra Mundial.

Do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até o início da Guerra das Coreias, em 1950, a União Soviética se empenhava para desenvolver sua primeira bomba atômica, ao mesmo tempo em que auxiliava as nações do

Leste Europeu e apoiava os militantes de Mao Tsé-Tung na implantação do comunismo na China. Enquanto isso, os Estados Unidos colhiam os sucessos do *New Deal* (plano para reerguer a economia norte-americana após a Crise de 1929) e financiavam a reconstrução das nações europeias arrasadas com a guerra. Havia uma relativa paz interna e o *American Dream* tinha muito potencial para se concretizar.

Movimentos pacifistas acabaram levando ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear, uma grande conquista para a época. Além disso, as passeatas de direitos civis muito incrementaram para um melhor e mais justo exercício da cidadania. Entretanto, ainda houve muitos incentivos governamentais patrocinados pelos dois líderes, URSS e EUA, para aperfeiçoamento bélico em todos os países.

A década de 70 caminhava em relativa harmonia, até a ocorrência de uma série de eventos. A invasão soviética ao Afeganistão, a revolução sandinista na Nicarágua e a revolução dos aiatolás no Irã são fatores que muito influenciaram nas políticas e conversas entre os soviéticos e os norte-americanos em 1979. Exemplos dessa interação são as resoluções da SALT II, que apesar de serem respeitadas por ambas as potências, quase não foram endossadas, por pedidos do Senado dos Estados Unidos. Já nos anos 80, há uma forte aproximação dos Estados Unidos, sob o governo Reagan, com a América Latina. O patrocínio americano aos contrarrevolucionários da Nicarágua fez com que as conversas de restrição dos arsenais retornassem. Fato contraditório, visto que neste período que surgiram as “armas inteligentes”, mísseis computadorizados que asseguravam a eficiência dos ataques e defesas. As passeatas a favor de questões ambientais, democráticas e direitos civis retornam com bastante força, muitas agora agrupadas por partidos políticos.

No continente americano, a Paz Armada ocorreu de maneira bem plena. Mesmo com as Revoluções Cubana, a Sandinista, a Guerra das Malvinas e os golpes de Estado ocorridos, na América não houve confrontos tão sangrentos e

massivos, não deixando de haver, entretanto, episódios de confronto bélico e de assassinatos em massa.

Os Estados Unidos, coparticipantes na instalação de governos militares nos vizinhos continentais, acabaram por trazendo armamentos aos países latino-americanos. Exemplo disto é o fato das tropas e guerrilhas com financiamento de Washington portarem armas de origem israelense, como bem mostra os antissandinistas da Nicarágua e o exército hondurenho da época. O Chile de Augusto Pinochet, que era um dos governos com mais simpatia da Casa Branca, obteve grandes investimentos em sua indústria bélica, muitos de capital norte-americano. Mesmo com os acordos travados de não proliferação, os Estados Unidos estimularam os programas de energia nuclear dos parceiros e vizinhos latinos. Os Estados Unidos enviavam alguns excedentes de sua produção bélica e armamentos, no intuito de estreitar os laços e, principalmente, para aumentar o combate ao comunismo.

A própria *School of the Americas* tinha justamente o intuito de auxiliar, militarmente, as ditaduras latino-americanas, que junto à instituição travavam luta aos socialistas. Os soviéticos também possuíam laços com os beligerantes americanos. O incentivo a concretização do socialismo em Cuba deve-se a Moscou, que ajudou a ilha a se manter. Foi o Kremlin que ajudou Fidel a seguir para uma boa implantação do governo socialista, e sendo Cuba um país tão próximo dos EUA, os soviéticos auxiliaram na proteção fornecendo armas e até levando ogivas nucleares para a ilha, as quais iriam gerar o grande incidente da Crise dos Mísseis em 1962 (SÁNCHEZ, 2009).

4.3. Corrida Armamentista

Em 1949, a União Soviética explodiu sua primeira bomba atômica, a Joe 1, num teste controlado no Cazaquistão. A URSS, então, afronta a então vigente *Doutrina Truman* dos EUA, que após testes nucleares no Deserto do Arizona colocava-se de prontidão para acabar com a “ameaça comunista” em qualquer lugar do mundo. As duas potências tinham poder, e um conflito entre

elas seria um grande problema ao mundo. De maneira gradativa, EUA e URSS foram incrementando seus respectivos arsenais, numa tentativa de demonstrar toda a magnitude de suas forças.

As armas nucleares colocaram em prova o poderio soviético e estadunidense, frente à grande tensão na Crise dos Mísseis de 1962. Com a propagação deste tipo de armamento e conflito é que surge o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, também em 1962.

A Corrida Armamentista perpassa também a América Latina, com grande força nos governos Nixon (1969-74) e Reagan (1981-89) nos EUA. O primeiro, que considerava o comunismo como “uma ideologia nociva e contra os pilares da nação dos Estados Unidos”, se prontificava a combater qualquer indício de uma “nova Revolução Cubana”, sendo a maior amostra disso seu apoio e financiamento ao Golpe Chileno de 73. Nixon defendia livremente a venda de armamento às ditaduras latino-americanas e apoiava os projetos de energia nuclear, em especial os programas do Brasil e Argentina (DRAKE, 2000). Já o outro presidente republicano dos EUA, Ronald Reagan, fora um dos maiores responsáveis pelo “reaquecer” da Guerra Fria e da expansão da área de influência norte-americana.

A Doutrina Reagan, nome aos ideais do ex-governador da Califórnia, foi responsável por uma grande aproximação da Casa Branca com os outros países da América. Ronald deu grande suporte aos governos anticomunistas de El Salvador e Guatemala, como também aos contrarrevolucionários da Nicarágua, durante a Revolução Nicaraguense promovida pelos sandinistas, que para a infelicidade da Casa Branca implantou um regime socialista no país.

4.4. Ações internacionais

Com a possibilidade de um confronto nuclear entre duas poderosas potências, foi necessário que os países se precavessem contra qualquer imprevisto futuro, firmando alianças para manter a integridade nacional.

4.4.1. Organização do Tratado do Atlântico Norte

Criada em 4 de abril de 1949, a OTAN (*NATO – North Atlantic Treaty Organization*, em inglês) foi a primeira aliança firmada na Guerra Fria e uma das mais importantes que constitui um sistema de defesa coletiva na qual seus estados-membros concordam numa defesa mútua em caso de qualquer ataque de entidade externa. Com o objetivo de construir uma força oposta ao bloco socialista, a OTAN era composta pelos Estados Unidos, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal e Reino Unido.

O pré-anúncio da OTAN foi o Plano Marshall. A iniciativa de financiar a reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial foi de extrema importância para o estreitamento dos laços entre Estados Unidos e Europa, construindo uma importante área de influência para os ianques. No desenrolar da Guerra Fria, Grécia, Turquia, Espanha e Alemanha Ocidental adentraram a organização.

4.4.2. Pacto de Varsóvia

Em resposta aos Estados Unidos e à OTAN, a União Soviética organiza o Pacto de Varsóvia. Ratificado em 14 de maio de 1955, na capital polonesa, o Pacto de Varsóvia estabeleceu o alinhamento dos países signatários com o Kremlin e formalizou um compromisso de ajuda mútua em caso de agressões militares, legalizando a presença dos milhares militares soviéticos no Leste Europeu.

Mesmo com o objetivo de proteger o socialismo das ofensivas capitalistas, o Pacto de Varsóvia não abrigava todos os governos socialistas vigentes. A Iugoslávia não participou por desentendimentos passados entre os governantes (Stalin e Tito) e a China, membro-observador até 1960, deixa o tratado quando rompe com a União Soviética, também por desentendimentos com Moscou.

O Pacto de Varsóvia não atuou externamente, mas teve vasta ação nos territórios de seus signatários.

4.4.3. Movimento Não Alinhado

Num período tão instável, mas tão ditado como o da Guerra Fria, surge um movimento em contraposição a uma das maiores características do período, que foi o mundo bipolarizado.

Com o objetivo de se manter neutro, não se associando a nenhum dos grandes blocos, e unir forças para combater a pobreza, o colonialismo, o imperialismo e para um desenvolvimento constante é que surge o Movimento Não Alinhado (MNA). O marco inicial do Movimento foi a Conferência de Bandung, em 1955, que reuniu 29 países, quase todos ex-colônias africanas e asiáticas. Sediada na Indonésia, que a presidiu juntamente com Índia e Egito, a reunião visava à promoção da cooperação econômica e cultural afro-asiática em oposição às ambições de Moscou e Washington. A Conferência de Bandung iniciou o Movimento Não Alinhado, gerando uma postura política equidistante das Grandes Potências e os *10 princípios da promoção da paz e cooperação mundial*, que foi o único feito concreto daquela reunião

Após a reunião na Indonésia, ficou evidente que mais encontros são necessários visto as enormes pressões que os dois blocos faziam sobre aqueles países. No encontro de 1961, um dos temas mais debatidos foi à corrida armamentista entre EUA e URSS e estabeleceu-se oficialmente o Movimento dos Países Não-Alinhados, sobre uma base geográfica mais abrangente, devido os países recém-independentes, e obteve presença de países americanos, como Cuba, e Brasil, Bolívia e Equador na qualidade de observadores.

5. O Avanço do Comunismo

5.1. Revolução Cubana

5.1.1. O domínio americano

O século XIX foi considerado o século de ouro do período colonial em Cuba. Cuba assistiu ao aumento quantitativo da população, à expansão do trabalho escravo, ao aperfeiçoamento tecnológico da produção e dos transportes, tudo isto contribuindo para o aumento da produção e exportação do açúcar. Essas transformações correspondiam a um desenvolvimento do sistema capitalista: a sociedade cubana possuía a função de produzir e exportar açúcar. (FERNANDES, 1979).

Com essa contradição em que Cuba se encontrava entre metrópole ou colônia espanhola, a burguesia lidera a Primeira Guerra de Independência (1868-1879). Com a independência de Cuba pela intervenção americana, o novo país prosseguiu e estreitou cada vez mais os vínculos com os Estados Unidos. O país foi governado durante quatro anos por uma junta militar que defendia a todo custo os interesses norte-americanos (FERNANDES, 1979). Esse interesse dos Estados Unidos por Cuba também incluíam razões de natureza militar: consideravam ser a ilha um excelente ponto estratégico para o melhor controle do Caribe e uma defesa para a região da Flórida.

Cuba manteve, mesmo com a independência, traços similares à época colonial. Cuba se torna colônia dos Estados Unidos. Após uma tentativa fracassada de independência através da Segunda Guerra de Independência (1895-1898) a burguesia açucareira e os Estados Unidos começam a se preocupar com os movimentos de libertação e pelos anseios nacionalistas e reformistas.

5.1.2. A marcha para a Revolução

O regime republicano teve início sob a presidência de Tomás Estrada Palma articulador da intervenção de 1898 e imposta pelos norte-americanos,

em oposição a outro candidato apresentado pelos democratas cubanos. Estrada Palma solicitou intervenções militares norte-americanas, pois se via ameaçado por uma revolta dos liberais contra as violências de seu governo (LE RIVEREND, 1991). O período republicano, marcado pela sucessão de governos ditatoriais, articulados com interesses do imperialismo, assistiu a frequentes intervenções dos Estados Unidos, que aplicaram um verdadeiro colonialismo em Cuba.

Essa situação conduziu um forte sentimento nacionalista no país, que se voltava contra os Estados Unidos e à burguesia açucareira que se via controlando a economia. Em Cuba houve uma sucessão de presidentes ligados à direita e manipulados pelos Estados Unidos. Entretanto, a ditadura estabelecida pela sob a presidência de Fulgêncio Batista (1952-1959) era caracterizada pela repressão. As pessoas que se opõem ao governo eram colocadas na ilegalidade e perseguidas pela SIM (Serviço de Informação Militar) e o BRAC (Bureau de Repressão as Atividades Comunistas).

Fidel Castro era membro do Partido Ortodoxo e juntamente com outros membros do mesmo acreditava que a restauração da democracia só seria atingida através de um movimento revolucionário (LE RIVEREND, 1991). Após dois anos de luta, o movimento conquistou o apoio popular: a conjuntura de uma crise econômica em 1955 determinou a ruptura da aliança burguesia açucareira e ditadura; e a diminuição dos salários dos trabalhadores açucareiros desencadeou como tática de luta a greve geral revolucionária.

“Para as massas (...) o Movimento 26 de Julho (...) é a ortodoxia sem a direção de latifundiários (...) sem especuladores da Bolsa, sem magnatas da indústria e do comércio, sem advogados de grandes interesses, sem caciques provinciais, sem politiqueros de nenhuma índole.” (Trechos do Manifesto de Fundação do MR 26 de Julho, redigido por Fidel Castro. REBOLLEDO, A.S., *La Revolución Cubana*, 1953-1962, Ediciones Era, p. 91.).

Em inícios de 1958, a ditadura de Batista apresentava visíveis sinais de decomposição. O movimento guerrilheiro ganhava cada vez mais força. Após o governo de Batista reprimir violentamente uma greve geral em abril de 1958, afirmou o início de uma onda a fim de derrubar as forças rebeldes. E desde agosto de 1958, os guerrilheiros se lançaram a contraofensiva. Comandados por Camilo Cienfuegos, Ernesto “Che” Guevara, Fidel e Raul Castro, quatro colunas foram ocupando uma a uma as cidades e províncias da ilha. A tomada do poder marcou o fim da fase da guerra revolucionária. Começava a etapa mais importante da Revolução e a mais temida: a construção da nova sociedade.

Em abril de 1961, Cuba se proclama oficialmente socialista. As reformas de 1960 prepararam o caminho para a implantação do socialismo, de acordo com decretos de nacionalismo, os bancos, meio de transporte e diversos setores foram colocados como controle do Estado e o capital estrangeiro foi eliminado. Cuba foi o primeiro país a fazer uma revolução socialista sem a direção de um partido comunista (SADER, 1985).

Em julho de 1964 a OEA (Organização dos Estados Americanos) reforçou o embargo comercial e político contra Cuba, sendo o México o único Estado que não acatou tais decisões. Anteriormente Cuba fora excluída da OEA na conferência de Punta Del Este (janeiro de 1962).

5.2. A Revolução Cubana e a América Latina

A influência da Revolução Cubana sobre a América Latina foi de vital importância para a construção do cenário político e econômico na década de 1960. Para muitos revolucionários latino-americanos, a revolução de Cuba surgiu como um exemplo para as sociedades Américas. Já para líderes militares e para direitas a ameaça do comunismo dentro do continente foi aterrorizante.

Em um discurso realizado em maio de 1962, Che Guevara fez uma retrospectiva e um contexto da repercussão da Revolução Cubana sobre a América Latina, considerando que esta influência foi de caráter heterogêneo:

em muitas sociedades mostrou que os partidos de esquerda acusavam a Revolução Cubana de desvios ideológicos; em contrapartida, foram aparecendo novos movimentos revolucionários que usava a revolução em questão como exemplo (SADER, 1985).

A criação da Organização Latino-Americana de solidariedade (OLAS) para coordenar a luta contra a força dos Estados Unidos no continente americano (agosto de 1967) contribuiu para expandir a guerrilha, como tática de luta revolucionária na América Latina. Os constantes discursos de Fidel Castro pregando os movimentos de esquerda e a própria atitude de Guevara formando um movimento guerrilheiro dentro da Bolívia também foram importantes pela influência que a Revolução Cubana deixou no continente. Movimentos de guerrilhas foram surgindo em toda a América Latina, movimentos rurais e urbanos se ampliaram na Venezuela, Colômbia, Guatemala, Bolívia, Uruguai, Argentina, Brasil e Nicarágua (LE RIVEREND, 1991).

A influência da Revolução Cubana foi umas das grandes preocupações para os sucessivos governos norte-americanos. Ideológicos de direita redigiram o documento Santa Fé, para orientar as diretrizes da política externa norte-americana e onde eram sugeridas medidas punitivas contra Cuba por seu apoio às lutas de libertação nacional na América Latina. Nesse contexto, especialistas do Pentágono e dos centros de treinamento militar também desenvolveram teorias de contra insurgência (SADER, 1985).

“Cuba deve, até certo ponto, ser considerada responsável pelo trabalho, junto à URSS, de estabelecimento de uma política de subversão e desestabilização no hemisfério. Ao mesmo tempo, devemos apoiar os amigos que nos restam na região e realizar, de vez, algumas medidas preventivas. Havana deve ser responsabilizada de sua política de agressão a países irmãos da América” (PEIXOTO, F., Documento Secreto da Política Reagan para a América Latina, Editora Huctec, p. 97.)

6. Os Estados Unidos e a América Latina

6.1. Operação Condor

‘Operação Condor’ é o nome codificado dado à coletânea, ao intercâmbio e ao armazenamento de dados de inteligência sobre os chamados ‘esquerdistas’, comunistas e marxistas. Tal programa foi recentemente estabelecido entre serviços de inteligência da América do Sul e dos Estados Unidos, a fim de eliminar as atividades terroristas marxistas presentes na área. Além disso, a operação Condor prevê operações conjuntas contra alvos que ameacem a paz e a ordem em países membros da mesma.

As forças de segurança dos seis países latino-americanos do cone sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), integrantes da operação, instituíram que:

- I. A coordenação de atividades de inteligência será feita em conjunto;
- II. Operarão no território um do outro em perseguição aos cidadãos “subversivos”;
- III. A Operação Condor deverá achar e matar terrorista em seus próprios países e também na Europa.

6.2. Regimes na América Latina

A eclosão de regimes militares teve início na década de 40, por volta do fim da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo se dividiu entre aqueles com ideologias de esquerda e aqueles com ideologias capitalistas. Contudo, ao contrário do que se esperava, ao invés da luta se concentrar primariamente no Pacífico e na Europa, rapidamente o campo de batalha tornou-se global. A disputa entre esquerdistas-socialistas e direitistas-capitalistas chegou com força total a América Latina, com regimes militares combatendo oposições esquerdistas, insatisfeitas com a enorme disparidade de qualidade de vida e salário entre as elites e o proletariado.

6.2.1. Argentina

Em 1943, um golpe de Estado arquitetado pelo Coronel Juan Domingo Perón ajudou a transformar a Argentina numa sociedade fascista. Perón utilizou de táticas que aprendeu quando participou do ataque militar à Itália sob o controle de Benito Mussolini. Tais táticas consistiam na alienação de qualquer movimento de oposição, transformando-os em antipatrióticos e, fazendo com que o uso da violência fosse justificado pela repressão de ameaças contra a segurança do Estado. A partir disso, o uso da opressão militar tornou-se comum e opositores de Perón iniciaram um longo período de resistência, que dura até o presente. Em 1966, Perón foi expulso do poder por um golpe militar liderado pelo General Juan Carlos Onganía, todavia retornou do exílio e reconquistou o poder em 1973, quando seus partidários ganharam uma série de eleições decisivas.

Perón, contudo, morreu em 1974 e deixou um tremendo vácuo de poder que foi parcialmente preenchido por sua esposa, Isabel. Sob o regime dela, setores ultraconservadores e de extrema esquerda iniciaram campanhas terroristas que eliminaram todo senso de segurança e estabilidade econômica. A inflação subiu 300% em 1975 e grupos paramilitares conservadores e guerrilheiras esquerdistas mataram centenas de inocentes em ataques terroristas. Fartos, em 1976, os militares tinham o suficiente para outro golpe.

A junta militar comandada pelo general Jorge Rafael Videla conquistou significativa representatividade, absorveu grande parte dos paramilitares ultraconservadores e deu início a “Guerra Suja”, contra cidadãos de extrema esquerda. Como novo presidente da Argentina, Videla enfrentou um governo crivado pela corrupção, uma econômica em colapso constantemente atormentada pela inflação crescente e uma sociedade sob ataque armado de guerrilhas de esquerda. Operações de repressão começaram e os militares começaram a usar de todos os meios necessários (sequestro, tortura, execução, etc.) para eliminar a oposição, mas, até agora, essas operações tem se mostrado falhas em eliminar completamente a resistência. Videla também

adotou medidas para restaurar o crescimento econômico, numa tentativa e reverter o Peronismo em favor de uma economia de livre mercado.

6.2.2. Peru

Em 1948, o Peru passou a ser comandado por militares após um golpe liderado pelo General Manuel Odría que derrubou o governo civil liderado por José Bustamente, eleito em 1945. Sob o comando de Odría, partidos de oposição foram colocados na ilegalidade e rapidamente eliminados. O país, então, experimentou forte crescimento econômico e promulgou políticas populistas, que permitiram ao regime ganhar suporte das classes mais baixas. No entanto, esse crescimento econômico só foi permitido à custa da violação de direitos civis e corrupção, o que fez com que Odría legalizasse partidos de oposição em 1956 e realizou eleições livres, nas quais ex-presidente Manuel Prado ganhou. Após 15 anos de governo militar, o Peru retornou ao governo civil em 1963, com a eleição de Fernando Belaunde Terry como presidente.

Sob o comando de Terry, o Peru vivenciou um período de desenvolvimento generalizado, principalmente com a criação de um sistema de autoestrada que ajudou a ligar a costa do Pacífico com regiões isoladas do norte do Amazonas e San Martin. Além disso, grandes projetos de irrigação e de hidrelétricas, incluindo Tinajones e Jequetepeque, tiveram início. Economicamente, o crescimento resultou em alta inflação e desvalorização da moeda peruana. Em resposta a isso, Belaunde foi deposto num golpe militar e substituído pelo General Juan Velasco Alvarado, em 1968.

6.2.3. Guatemala

Desde 1944, Guatemala estava realizando reformas socialdemocratas, redistribuindo terras entre as classes trabalhadores e criando um sistema de segurança social, sob a liderança de Juan Jose Arevalo. Quando Coronel Jacobo Arbenz Guzman se tornou presidente em 1951, ele deu continuidade as reformas até 1954, quando os militares tomaram controle sob o país. Coronel Carlos Castillo liderou um golpe de estado apoiado pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, que permitiu que ele tomasse o poder e

cessasse a estatização da *United Fruit Company Plantation*, e parasse com as reformas esquerdistas. Isso causou grande inquietação na população e levou ao assassinato de Castillo por um guarda do palácio, Romeo Vasquez. Castillo foi sucedido por Luis Gonzalez. Gonzalez deu continuidade as políticas de Castillo de encerrar com as reformas de base até a realização de eleições em 1957, nas quais ele venceu. Após seu mandato, Coronel Enrique Peralte se tornou presidente e permaneceu no poder até 1966, quando o civil César Mendez foi eleito. Mesmo com civis no poder (durante um mandato), nenhuma mudança significativa ocorreu para que a influência militar sobre o governo fosse cessada. Em 1970, o candidato apoiado pelos militares, Carlos Arana, foi eleito presidente da Guatemala e a violência começou a se espalhar pelo país.

Sob o comando de Arana, os militares criaram programas que tinham como objetivo eliminar todos os esquerdistas e todos os simpatizantes da ideologia. Em 1978, Fernando Romeo Lucas Garcia foi eleito presidente e as mortes, torturas e “desaparecimentos” extrajudiciais passaram a ser mais frequentes. Essas ações resultaram em mais de 50.000 mortes e esse programa continuou por toda a década de 70, mesmo após um forte terremoto que deslocou mais de um milhão de guatemaltecos e matou 27.000. A economia da Guatemala, uma vez relativamente próspera nos anos 1940 e início dos anos 50, cresceu com uma tremenda desigualdade social. As áreas rurais e a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que constituíam a maioria da população, viviam, em sua maioria, em condições de extrema pobreza, enquanto as elites militares e sociais colhiam os benefícios de suas posições privilegiadas.

Em 1980, o general Efraín Rios Montt comandou a maioria dos militares numa agressiva campanha de repressão em todo o país, na tentativa de erradicar todas as guerrilhas esquerdistas e seus colaboradores.

Por volta de 1960, os regimes militares já implantados na América Latina continuaram seus caminhos de dominação, e outros logo começaram a tomar posse em todo o resto da região. Era como se a área estivesse de volta ao seu passado colonial de elites dominantes comandando as classes trabalhadoras,

só que agora as elites eram simplesmente oficiais militares e não colonos estrangeiros.

6.2.4. El Salvador

Em 1961, o direitista Partido da Conciliação Nacional(PCN) tomou o poder após um golpe militar dominar El Salvador. Durante seu mandato, o PCN comandou uma breve guerra contra a Honduras, em 1969, e começou a lutar com insurreições guerrilheiras em suas fronteiras, em 1977. A guerra com Honduras, conhecida como a Guerra do Futebol, foi causada por problemas de imigração entre El Salvador e Honduras. Este promoveu uma reforma agrária que confiscou terras de imigrantes ilegais de El Salvador e as redistribuiu para a população hondurenha, forçando os salvadorenhos a emigrarem de volta a El Salvador. Após isso, uma série de partidas de futebol foi promovida entre os times dos países envolvidos, o que gerou uma grande escala de violência entre os fãs. Terminadas as partidas, El Salvador rompeu todas as relações diplomáticas com Honduras e lançou ofensiva contra o rival em 14 de Julho de 1969. Isso rendeu o nome de “Guerra do Futebol”. A ofensiva militar salvadorenha obteve sucesso, mas durou apenas quatro dias. Terminou com o cessar-fogo negociado pela Organização dos Estados Americanos, mas as tensões permaneceram altas entre os países envolvidos.

Em 1977, o general Carlos Romero foi eleito presidente e, durante seu mandato, um número significativo de denúncias de violações aos direitos humanos, realizadas por tropas governamentais e por grupos de extermínio patrocinados pelo exército, eclodiram em todo o país. O PCN manteve forte ligação com os militares até 1979, quando juntas militares começaram a tomar posse do governo. Nesse ano, Romero foi deposto em um golpe realizado por oficiais reformistas que instalaram uma junta civil e militar, no entanto a junta não conseguiu pôr fim aos grupos de extermínio apoiados pelo exército e organizados por homens como Roberto D’Aubuisson (já cometia violência política contra guerrilhas de extrema esquerda e simpatizantes dessa ideologia desde o início da década de 70). Com uma fraca economia, dependente da agricultura e com uma distribuição agrária extremamente desigual, problemas

econômicos se tornaram o principal motivo de instabilidade entre a população. Isso levou cidadãos a se juntarem à resistência pública, formada por forças de esquerda, tais como a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), e/ou ilegalmente imigrarem para Honduras. O uso da opressão e da violência, em nome da manutenção do controle da ordem no país, foi justificado por tais respostas à fraqueza da economia.

6.2.5. Equador

O passado do Equador é definido pela sua economia baseada na exportação (primeiramente da banana e mais tarde do petróleo), pela rivalidade de longa data com seu vizinho, Peru, e pela sua instabilidade política causada por altas taxas de pobreza, densidade populacional e constante mudança de regimes políticos. Em 1948, a economia equatoriana começou a prosperar devido a um aumento na demanda de bananas, o que permitiu que a economia mantivesse um devagar, mas constante, crescimento. Isso durou até 1960, mas em 1963 um período de inquietação política teve início no país.

Presidente Carlos Arosemena Monroy foi substituído por uma junta militar que promoveu amplas reformas sociais e econômicas. Em 1966, um governo interino tomou posse depois de violentas manifestações e brutais retaliações a junta. Então, Otto Arosemena Gomez foi escolhido como presidente e, em 1967, uma nova constituição foi criada. Contudo, o mandato de Gomez acabou em 1968, quando José Maria Velasco foi eleito presidente em 1968 e assumiu poderes ditatoriais. Velasco implementou medidas de austeridade, seguindo uma ideologia de direita. Em 1970, ele fechou o legislativo e todas as universidades, buscando combater a agitação civil comandada por professores e funcionários públicos. Em 1972, grandes reservas de petróleo começaram a ser exploradas pelo governo, substituindo as bananas como principal produto de exportação e levando a economia a crescer rapidamente. Paralelo ao desenvolvimento econômico acontecia o mais rápido crescimento populacional no Equador. A alta taxa de 3,227% de crescimento de 1962 a 1974 resultou em pobreza generalizada devido à má distribuição da riqueza e recursos. Além disso, em 1972, outro golpe ocorreu.

Enquanto o caos começava a aumentar em torno do regime, o general Guillermo Rodriguez liderou um golpe que conseguiu expulsar Velasco do poder e o exilar na Argentina. No entanto, as políticas criadas permaneceram intactas e se tornaram ainda mais efetivas devido à qualidade da liderança militar.

6.2.6. Honduras

Fora da Guerra do Futebol já mencionada com El Salvador, Honduras se encontrava envolvida principalmente em conflitos internos. Dependente principalmente da exportação de frutas tropicais, açúcar e tabaco, Honduras sofria com uma enorme desigualdade social entre a classe trabalhadora e as elites locais. Isso colocou o país no infame radar da United Fruit Company, conhecida por subornar e controlar governos da América Latina desde o início do século 20. Em 1963, Honduras sofreu um golpe militar sofrido pelo coronel Osvaldo Lopez Arellano, mas a United Fruit Company continuou a exercer sua influência sem problemas. Sob o comando de Lopez que a reforma agrária foi realizada e imigrantes ilegais foram forçados a retornar a El Salvador e resultou na Guerra do Futebol em 1969. Em 1971 o coronel permitiu que eleições fossem realizadas. Ele perdeu e promoveu outro golpe de Estado no ano seguinte. Somente em 1975 que Lopez foi removido do poder, após ter sido pego pelo governo americano aceitando um suborno de mais de um milhão de dólares da United Fruit Company (escândalo conhecido como “Bananagate”). Isso levou o general Juan Alberto Melgar a tomar o poder após outro golpe. Sob o comando de Melgar, houve uma desaceleração da reforma agrária, mas a tensão entre El Salvador e Honduras continuou. Após três anos de mandato, Melgar foi substituído pelo general Policarpo Paz, num golpe militar.

6.2.7. Bolívia

Em 1964, um golpe militar planejado pelo vice-presidente Rene Barrientos fez com que ele se tornasse presidente da Bolívia. Logo depois, outro golpe militar, com apoio popular, ocorreu sob a direção do coronel Hugo

Banzer Suarez. No entanto, a maioria do exército permaneceu leal ao governo e o resultado disso foi uma sangrenta luta por poder. Após um ano de conflito, Banzer tomou controle do país em 1971. Sob o comando de Banzer, a economia cresceu devido a um aumento no valor de minerais em acordos internacionais, a um crescimento na exportação do petróleo e ao retorno de investimentos na educação pública realizados no regime anterior. O crescimento urbano cresceu, assim como a industrialização. Contudo, em meio a tal progresso, houve uma tentativa de golpe, que Banzer derrotou, e começou a instituir ideias antidemocráticas. Ele eliminou partidos políticos e sindicatos e despolitizou as massas, no intuito de prevenir que a oposição se organizasse contra ele. Isso levou a formação de grandes aberturas para a corrupção, que contribuiu para desacelerar o crescimento econômico e aumentar a insatisfação com o regime. A corrupção do regime seguiu desenfreada em relação a traficantes de drogas. Eles aproveitavam da prosperidade econômica para aumentar suas operações, e a partir disso começaram envolver membros do governo em seus negócios, o que resultou em alta ineficiência de políticas de transparência e aplicação de leis contra os traficantes. Contudo, enquanto Banzer estava no poder, houve agitação generalizada entre os militares e a população, devido à natureza antidemocrática de seu regime e sua cooperação com o tráfico de drogas. Isso levou até mesmo àqueles dentro de seu círculo íntimo a avaliar a possibilidade de romper alianças com ele.

6.2.8. Panamá

A política do Panamá se mantido estável e sem grandes complicações desde a tomada do poder político pelos militares, em 1968, sob o comando do general Omar Torrijos Herrera. Herrera rapidamente impôs uma ditadura, com o objetivo de eliminar os ideais comunistas e evitar intromissões estadunidenses em seu país. Em 1977, ele assinou os Tratados Torrijos-Carter, garantiam ao Panamá o controle da zona do Canal do Panamá, até então controlada pelo governo norte-americano, mas mantinha aos Estados Unidos o direito de defender o Canal caso julgasse necessário (essa mudança seria gradual). Herrera também se negou a tolerar oposições políticas e usou

de forças de inteligência, sob o comando de Manuel Noriega, treinado nos Estados Unidos, para prender, torturar, executar e “desaparecer” com todos aqueles que se opusessem ao regime.

Tais táticas brutais, aliados a lealdade das forças de segurança ao governo, permitiram a Herrera a praticamente eliminar toda a resistência política, fazendo com que Panamá obtivesse sucesso na implementação de um regime autoritário.

6.2.9. Chile

O último regime militar a ser instituído na América Latina foi o do Chile, em 1973. Quando Salvador Allende se tornou o primeiro presidente marxista democraticamente eleito do mundo, os Estados Unidos viram o Chile como uma ameaça ao capitalismo. Allende reatou reações diplomáticas com Cuba e começou a promover políticas de cunho marxista. Sob seu comando, a economia do Chile começou a se desenvolver: o salário mínimo aumentou, as artes passaram a receber financiamento público e houve a tentativa do investimento em tecnologia. No entanto, para combater o marxismo, o general chileno Augusto Pinochet recebeu auxílio da Central Americana de Inteligência para depor Allende num golpe de Estado que daria poder aos militares em 1973. Junto a isso, os Estados Unidos impuseram sanções econômicas ao Chile, prejudicando a economia do país e criando um ambiente favorável para o sucesso do golpe militar. Uma junta militar foi rapidamente colocada sob o comando dos poderes executivos e legislativos e Salvador Allende cometeu suicídio.

Em 1974, Pinochet recebeu total controle sob o poder executivo, sendo nomeado Presidente do Chile. Com Allende fora do caminho, o general estabeleceu um regime estável e opressivo sob a população chilena, conduzindo sua própria “Guerra Suja”, similar a da Argentina, utilizando da polícia secreta e serviços de inteligência para reprimir a oposição no país através de sequestros, torturas, execução, etc. Na tentativa de eliminar a oposição política, Pinochet ordenou que os exilados do país fossem mortos

pela Diretora de Inteligência Nacional (DINA), a versão chilena da CIA. Sob o comando militar, praticamente todo o investimento público e os gastos com bem-estar social foram eliminados e a economia começou a sofrer. Pinochet tinha dois objetivos principais na economia: implementar o liberalismo econômico e privatizar as empresas estatais. O povo do Chile, que muito tinha se beneficiado com as políticas de Allende, com a exceção do sofrimento econômico ocorrido devido às sanções norte-americanas, de repente, vivia com medo do governo comandado por Pinochet.

7. Nicarágua

7.1. O império Somoza

A Nicarágua se localiza na América Central e limita-se ao norte com Honduras, ao sul com a Costa Rica, a leste com o oceano Atlântico e a oeste com o oceano Pacífico. A riqueza dos Somoza formou-se pela utilização de processos escusos, como roubo, suborno e corrupção. Quando a família conseguiu se consolidar no poder sobre a Nicarágua, já possuíam o apoio necessário do imperialismo norte-americano, o controle da Guarda Nacional da Nicarágua, toda a burocracia do país e a aliança com a burguesia nicaraguense. Neste contexto, o país obteve uma infraestrutura cada vez mais desenvolvida e, como consequência, a formação de um proletariado rural.

Com a Nicarágua se industrializando, multinacionais começaram a se instalar no país e foi criado o Partido Socialista Nicaraguense (PSN). Com ideologia marxista-leninista, o PSN propôs-se representar a crescente classe operária e obter a regulamentação das relações trabalhistas. Em 1947, ocorreram confrontos armados entre guerrilheiros e a Guarda Nacional. Esta facilmente interrompeu o confronto. Nesse mesmo ano, a Guerra Fria teve seu início e os Estados Unidos se concentraram em manter a América Latina longe da influência soviética.

A consolidação do capitalismo criou uma estrutura que era controlada por famílias, sobretudo a família Somoza. Tal situação foi responsável pelo fato

de algumas regiões se desenvolverem mais que outras, gerando graves desigualdades socioeconômicas.

7.1. Frente Sandinista de Libertação Nacional

Em 1961, sob a influência da Revolução Cubana, elementos da pequena burguesia, dentre os quais Carlos Fonseca Amador, criaram a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), organização revolucionária que se propunha a destruir o regime dos Somoza e a combater o imperialismo. A composição da FSLN era, em maioria, de camponeses, mas seus dirigentes provinham da pequena burguesia.

Os Estados Unidos desenvolviam na América Latina uma política mais abrangente, voltada também para a segurança interna e não apenas para a defesa nacional. Para o governo de Washington e seus aliados latino-americanos, a grande ameaça ainda era o comunismo internacional.

Aliado incondicional dos Estados Unidos, Somoza colocou a Nicarágua como uma peça importante do CONDECA (Conselho de Defesa Centro-Americano), montado pelo governo norte-americano a fim de coordenar ações conjuntas contrarrevolucionárias das Forças Armadas da América Latina em 1964. Mesmo depois da morte de Luis Somoza Debayle, em 1966, o governo da Nicarágua permaneceu sob o controle da família, agora sob o comando de Anastácio Somoza Debayle (1967-1979).

A FSLN permanecia na sua incansável luta contra a ditadura dos Somoza, e sofreu diversas perdas militares, mas nunca perdeu o foco de derrubar o imperialismo e seus representantes burgueses da Nicarágua. A expansão dos negócios dos Somoza cada vez mais reduzia as áreas de ação da burguesia. Em consequência, essa classe passou a encarar os Somoza não mais como aliados. Tal contradição entre a burguesia e os Somoza alterava a correlação de força no país, levando os sandinistas a ampliar o movimento no campo e nas cidades. A organização do movimento acabou se dividindo em três tendências distintas:

- GPP (Guerra Popular Prolongada): integrada por estudantes e operários que desejavam prolongar a guerrilha além da queda de Somoza, a fim de acabar completamente com a presença imperialista na Nicarágua;
- TP (Tendência Proletária): esse grupo acreditava que um partido urbano, liderado por intelectuais que defendiam os objetivos do proletariado, seria a melhor forma para a tomada do controle da Nicarágua;
- TT (Tendência Terceirista ou Insurrecional): tinha em mente que a derrubada da ditadura só seria realizada através da insurreição popular como processo imediato de luta.

7.1. A Revolução de 1979

“No plano político:

1 – Consideramos que nosso país tem que construir de imediato uma democracia revolucionária e popular que seja a base para prosseguir aprofundando o processo revolucionário nicaraguense.

2 – Nossas tarefas imediatas são:

A derrubada da ditadura somozista e a organização do poder sandinista. Para cumprir estas tarefas, é necessário:

Reunir todas as forças sociais e políticas do país, incluindo setores democráticos industriais, comerciais, etc. que mantém uma posição consequente anti-somozista sob um programa democrático de independência nacional e progresso social. Ou seja, sob um programa sandinista. (...)

No plano militar (...)

Entendemos a intervenção armada sandinista como síntese de um processo de luta ininterrupto desde a fundação da FSLN. As massas da cidade e do campo, protagonistas fundamentais da

insurreição em meio a uma crise política, econômica e social do Somozismo, ligadas com a audácia revolucionária da FSLN permitem a construção real e imediata do exercito revolucionário. (...)”.

(Trechos do documento *Aspectos básicos dos Acordos da Unidade da Frente Sandinista de Libertação Nacional*. Jornal Companheiro, nº 6, 1979)

Alguns componentes da burguesia nicaraguense criaram a União Democrática de Libertação (UDEL) que defendia a restauração das liberdades individuais, a legalização de todos os partidos políticos, o restabelecimento da democracia e o combate à corrupção. A contradição à política do presidente Carter em defesa dos direitos humanos e a violência ditatoriais da América Latina obrigou os Estados Unidos a pressionar o governo Somoza no sentido de buscar uma saída política para a crise nicaraguense.

Entre 1977 a 1979 as contradições das classes se tornaram cada vez mais visíveis, apressando a deterioração do regime. Nessa época surgiu o Grupo dos doze, composto por empresários, intelectuais e religiosos que propunham apoio aos sandinistas e à insurreição armada como forma de derrotar a ditadura.

Com os violentos enfrentamentos armados iniciados entre a população e os soldados da Guarda Nacional, a burguesia, preocupada, declarou uma greve nacional pela UDEL na tentativa de derrubar Somoza e manter inalterada a estrutura capitalista na Nicarágua. A greve foi reprimida com violência, e, com isso, foi surgido a Frente Ampla de Oposição (FAO), reunindo grupos de oposição ao governo.

Em agosto de 1978, o comandante sandinista Rigoberto López Pérez ocupou o palácio Nacional de Manágua, fazendo reféns parlamentares e parentes de Somoza. Na ocasião também foram libertados vários líderes sandinistas que estavam presos, ainda que estivesse dividida, a FSLN, teve a consciência da necessidade de unificação das forças sandinistas.

Diante do avanço do movimento popular, a unidade passara a ser o objetivo de todos. Em dezembro de 1978 foi proclamada a unidade, ratificada em março do ano seguinte em um documento assinado por representantes de cada uma das tendências, formalizando a chamada Direção Nacional da FSLN.

8. School of the Americas

8.1. Objetivos

A Escola das Américas (SoA) foi fundada em 1946, no Panamá, com o objetivo de fornecer ajuda militar aos vizinhos e aliados latino-americanos dos Estados Unidos. A fundação dessa escola foi uma tentativa de estreitar relações entre os países americanos e baseou-se na tentativa por parte dos Estados Unidos de auxiliar a modernização dos exércitos latino-americanos, que se mostraram fracos e vulneráveis durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1963, mais de 60.000 alunos já haviam se formado na escola. Originalmente composta por oficiais do Exército regulares e encarregada da construção de táticas militares convencionais e de liderança, a escola era pouco significativa no aspecto da política externa americana. No entanto, com a escalada da Guerra Fria, os Estados Unidos passaram a enfrentar o risco do comunismo se disseminar no Terceiro Mundo, especialmente na vizinha América Latina.

Com o perigo à porta, os EUA começaram a renovar a Escola das Américas. Os oficiais regulares foram rapidamente substituídos por membros de elite das forças especiais do exército dos EUA, dentre eles os Boinas Verdes e agentes da unidade paramilitar da Agência Central de Inteligência (CIA), chamada de Divisão de Atividades Especiais. A *School of the Americas* alterou seu currículo e começou a ensinar assuntos mais aplicáveis, como: táticas de combate a guerrilhas, comunicações avançadas e coleta de informações, operações psicológicas, demolições e contenção de rebeliões. A escola se tornou extremamente popular entre as forças anticomunistas e atraiu policiais de elite de toda a América Latina. Agora, em novembro de 1980, a Escola das Américas ainda está em pleno andamento na formação de efetivos.

8.2. Treinamento

Os treinamentos realizados na Escola das Américas consistem no oferecimento de cursos para militares que permitem que eles tenham a devida instrução sobre o uso de táticas de inteligência, persuasão, obtenção de informações, operações, etc.. Com o objetivo de conter o avanço de ideologias comunistas e terroristas no continente.

A missão do estudante é considerada, bem como seu histórico e a situação operacional, para determinar qual o tipo de treinamento específico que ele receberá. Por motivos de segurança, somente são ensinadas técnicas que o estudante tem a necessidade de aprender.

O treinamento básico para alunos da School of Americas consiste em três fases gerais:

- I. Treinamento essencial: Inclui medidas de segurança, como passar e receber informações e como usar uma identidade fictícia. É aplicada imediatamente após o estudante concordar em participar da missão.
- II. Formação geral ou básica: Consiste na leitura de mapas, uso da bússola, observação e descrição e preparação de esboços e geração de relatórios;
- III. Treinamento específico: Inclui o treinamento de habilidades que um aluno precisa para desenvolver tarefas específicas. Como por exemplo, formação técnica em quaisquer peças de equipamento exigidas pela missão. Isso pode ser um veículo, uma câmera fotográfica, ou um aparelho de rádio. O aluno também receberá instruções mais específicas sobre segurança, comunicação e identidade.

8.1. Estrutura da Reunião

A função desta reunião é criar um ambiente no qual os líderes e governantes militares da elite treinados nos Estados Unidos possam compartilhar as melhores práticas para a luta contra o socialismo. A agenda será focada nos objetivos listados na introdução, mas também estará aberta a

artigos de interesse dos presentes. As regras específicas de procedimento serão introduzidas dependendo da situação em questão. O mundo era um lugar muito perigoso em 1980, com revoluções e organizações guerrilheiras em grande parte da América Latina. Os tópicos de discussão podem incluir movimentos marxistas dentro das nações latino-americanas, a invasão soviética do Afeganistão brutal, segurança energética, controle de armas nucleares e de implantação, questões econômicas domésticas, etc..

9. Perguntas a serem respondidas

Durante as sessões de debates é recomendado que os senhores respondessem a certas perguntas, sendo elas:

1. Qual é a melhor maneira de conter o avanço do comunismo, as rebeliões e as revoltas?
2. Como o defensor do comunismo deve ser tratado? Qual é a melhor forma de fazer com que a sua voz seja calada?
3. Como a melhoria das redes de comunicação entre os aliados seria feita?
4. A Nicarágua realmente é um perigo ao continente? Quais são as melhores formas para contornar essa situação do país?
5. Os militares devem possuir mais poder na atuação em revoluções ou existem outras formas para conter o comunismo?
6. A manutenção de um clima de segurança global estável e uma economia próspera deve ser garantida a qualquer custo?

10. Participantes da Reunião

10.1. Leopoldo Galtieri – Argentina

Leopoldo Galtieri foi um general do exército argentino e engenheiro civil que subiu ao poder após o golpe militar de 1976 na Argentina. Nascido em 1926, em Caseros, vindo de uma família de imigrantes italianos pobres, Galtieri matriculou-se na Academia Militar Nacional aos 17 anos e se tornou um oficial

do ramo da engenharia. Frequentou a *School of the Americas* no Panamá, em 1949. No início de sua carreira, Galtieri ganhou reputação por acreditar que a violência poderia resolver qualquer disputa territorial. Após 25 anos de trabalho como engenheiro de combate, Galtieri se tornou o chefe do corpo de engenharia da Argentina em 1975. Promoveu-se em sua carreira militar nos anos seguintes, auxiliado pelo forte apoio ao golpe militar de 1976 e pela junta que assumiu o controle da Argentina. Em 1978, ele tornou-se um general de alto cargo, encarregado do Segundo Batalhão do Exército de Rosário, responsável por sufocar e reprimir oposições ao regime. Nessa função, ele também foi responsável pelo Batalhão 601, a unidade de inteligência que comandou a chamada "Guerra Suja" na Argentina, que matou milhares de argentinos. Ele se tornou o comandante do Exército Argentino no final de 1979, portando a patente de tenente-general. Juntamente com os outros membros da junta militar, Galtieri está no controle do governo argentino.

10.2. Jorge Videla – Argentina

Jorge Rafael Videla foi o presidente da Argentina a partir de 1976, quando ele chegou ao poder como chefe da junta militar que comandou o golpe de Estado no país. Nascido em 1925, em Mercedes, Videla veio de uma família proeminente na província de San Luis, com muitos parentes encarregados de altos postos políticos. Em 1944, seguindo os passos de seu pai, ex-coronel do exército, Videla se formou no Colégio Militar Nacional e se juntou ao Exército Argentino. O sucesso no exército o tornou general de brigada, em 1971, e chefe do Estado-Maior do Exército em 1973. Em 1975, a presidente Isabel Perón nomeou Videla comandante chefe das Forças Armadas e, a partir dessa posição, ele reorganizou o exército e se livrou dos simpatizantes de Perón. No mesmo ano, ele liderou uma campanha militar contra o Exército Revolucionário do Povo (ERP), que resultou na morte de centenas de marxistas. Videla liderou, em 24 de março de 1976, o golpe militar que depôs a presidente Perón e, no processo, se tornou presidente da Argentina como líder da junta militar. Videla, investido de todos os poderes nas mãos dos militares, ordenou a prisão, a execução, a tortura e o sequestro de milhares de guerrilheiros de

esquerda, opositores políticos, jornalistas, educadores e intelectuais durante a "Guerra Suja" da Argentina. Ele instituiu uma economia de livre mercado na Argentina, mas recebeu fortes críticas internacionais por suas práticas opressivas contra a esquerda.

10.3. Emilio Massera – Argentina

Emilio Massera foi membro da junta composta por três pessoas que ganhou o poder depois de 1976 através de um golpe militar na Argentina. Também foi o maior e mais notório chefe de prisão política do país. Nasceu em Buenos Aires, em 1925, e entrou na Academia de Elite Naval em 1942, aos 16 anos, tornando-se cadete em 1946. Logo depois, frequentou a *School of the Americas* no Panamá, devido a sua forte oposição ao comunismo. Em 1974, era um almirante completo e comandou a chefia da Marinha no governo da presidente Isabel Peron. Massera usou dessa posição para incitar Peron a lutar contra grupos guerrilheiros e manter a ordem pública. Depois de 1976 (ano do golpe militar), Massera controlou o braço militar da junta até 1978. Como chefe da marinha, ele também supervisionou e operou Escola de Mecânica Naval, um campo de prisioneiros clandestino na "Guerra Suja" da Argentina, no qual sequestros misteriosos, tortura, estupro, e execuções foram utilizados contra presos políticos e filhos recém-nascidos de prisioneiros foram traficados. Massera era conhecido por suas habilidades de oratória e sua ambição de subir ao grande prestígio político. Ele era a face política da junta militar, juntamente com os outros dois membros no controle do governo argentino.

10.4. Hugo Banzer – Bolívia

Hugo Banzer foi ditador da Bolívia de 1971 até 1978, suportando múltiplas tentativas de golpe e liderando um governo criticado por muitos abusos aos direitos humanos. Banzer nasceu em 1926, em Concepcion, na Bolívia, com diploma da Alta Academia Militar do exército boliviano, em La Paz, onde se formou como tenente de cavalaria. Frequentou a *School of the Americas* no Panamá e também viajou para Fort Hood, no Texas, para receber

mais treinamento do exército americano. Mais tarde, foi a Washington como um adido da Bolívia, no período de 1967-1969. Depois de atuar em vários cargos do governo, como ministro da Educação e diretor da Academia Militar, ao longo da década de 1970, Banzer se exila na Argentina, depois de liderar um golpe fracassado contra o presidente esquerdista, General Juan Jose Torres. Em agosto de 1971, Banzer retornou a Bolívia e liderou um golpe militar que depôs o General Torres, sendo declarado então presidente e instituindo a ditadura militar. Como presidente, Banzer fez uma censura forte, promoveu violência e perseguição aos adversários políticos, culminando na proibição da atividade política em 1974. Durante sua ditadura, dezenas de milhares de pessoas foram acusadas e pediram asilo político em outros países. Banzer foi derrubado em 1978 por seu adversário nas eleições presidenciais e, recebeu abrigo na Argentina. Em 1979, Banzer voltou à Bolívia e fundou o poderoso partido político chamado Ação Democrática Nacional (ADN).

10.5. Luis Arce Gomez – Bolívia

Em 1958, Luis Arce Gomez participou da *School of the Americas*, fazendo cursos de comunicação e táticas de oficiais. Arce Gomez era um oficial do exército ambicioso e era suspeito de ter na Bolívia estreitos laços com os cartéis de droga. Arce Gomez foi nomeado ministro e estava intimamente envolvido com apoio e lucro da cocaína e dos aparatos do tráfico na Bolívia, lhe dando o apelido de "ministro da cocaína" por causa disso. Arce Gomez foi também conhecido por favorecer a liberalização econômica na Bolívia.

10.6. Pablo Belmar – Chile

De personalidade difícil e extremista, Pablo Belmar sempre foi intimamente ligado às instituições militares chilenas. Ingressa no serviço militar aos 18 anos de idade e viaja ao Panamá no ano de 1968, com 22 anos, para uma graduação na School of the Americas, onde aperfeiçoa-se em Manejo de Armas. Desde o retorno ao Chile, enfatiza ações no interior do país e fica encarregado das ações da DINA (Diretoria de Inteligência Nacional) para tal. No plano externo, é totalmente contrário a interferência externa, em especial as

multilaterais, no país, tornando-se famoso por torturar e matar brutalmente um oficial das Nações Unidas. É conhecido também por defender integração à qualquer atividade ou grupo que participe do combate ao comunismo, movimento o qual considera como absurdo e sujo, tendo participado da liderança dos grupos paramilitares que perseguiram os defensores de Allende no interior do país. Seu nome é muito muito suspeito em atividades ilegais do tráfico de armas e milícias urbanas, a exemplo da Caravana da Morte que perseguia jornalistas e opositores. Em 1980, se encontra fora das alta cúpula militar ligada a Pinochet, por estar agindo nas regiões mais nefastas do país, porém seu nome sempre é lembrado no combate ao comunismo e pela violência em repressões.

10.7. Raul Iturriaga – Chile

Raul Iturriaga era um general do exército chileno e membro da DINA (Direção de Inteligência Nacional), sob a ditadura militar de Augusto Pinochet. Nascido em 1938, em Linares, Iturriaga participou do treinamento militar da *School of the Americas*, em 1965, para cursos básicos de paraquedismo, e mais tarde tornou-se um instrutor em estratégias de contra insurgência. Juntou-se a DINA em 1973, logo após golpe militar bem-sucedido de Pinochet e foi nomeado chefe do Departamento de Relações Exteriores do Chile. Nessa função, ele se envolveu diretamente na Operação Condor. Depois de, mais uma vez, participar da *School of the Americas* no Panamá em 1976, tornou-se diretor-adjunto de inteligência da DINA em 1977 e, posteriormente, chefe do Departamento Econômico da DINA. Comandou a Operação Colombo, o programa que "desaparecia" com muitos adversários políticos na Argentina, enquanto alegavam que haviam cometido suicídio. Ele também foi o diretor da prisão clandestina conhecida como "The Sexy Blindfold" (A Venda Sexy, em português), também conhecida como "The Discotheque" (A Discoteca), devido aos inúmeros casos de abuso sexual em prisioneiros vendados enquanto se tocava música alta para mascarar os gritos. Como a cabeça por trás do aparato coercitivo de Pinochet, Iturriaga é um representante de confiança do governo

chileno, mas ainda deve consultar Pinochet na maioria das questões quando se trata de uma ação internacional.

10.8. Odlanier Rafael Menos Salinas – Chile

Um dos maiores participantes da queda do governo Salvador Allende, Salinas se gradua na School of the Americas em 1970, com ênfase no Comando de Pessoal em Batalha. Após o Golpe de 1973, é o chefe da Caravana da Morte, uma espécie de grupo paramilitar com amplo apoio de Pinochet que perseguia e matava os favoráveis a Allende e quaisquer críticos à Pinochet. Entre 1977 até 1980, é comandante da DINA (Diretoria de Inteligência Nacional), muito auxiliando com a Operação Condor mas sempre pregando a supremacia chilena. No comando da DINA, quebra sigilos fiscais e realiza uma série de violações à privacidade, chefiando várias sessões de tortura que aconteciam em Santiago del Chile. Extremamente próximo de Augusto Pinochet, General Salinas tinha amplos poderes dentro da política chilena e fazia vista grossa aos ministros não ligados às Forças Armadas Chilenas. Uma das maiores glórias do General Salinas é a Chacabuco, uma prisão colonial reativada para corrigir qualquer obstáculo para o sucesso do governo ou que ameace a integridade do mesmo, usando como método de correção choques elétricos, mutilações e torturas psicológicas, tudo em nome povo chileno.

10.9. Harold Bedoya Pizarro – Colômbia

Um dos militares mais influentes da história e do exército da Colômbia, Pizarro entrou na Escola de Cadetes do Exército da Colômbia em 1955. Formou-se na *School of the Americas* em 1965, com méritos em Inteligência Militar, e retornou a instituição em 1979, como professor e, futuramente, como comandante das forças de Villavicencio, sendo um elemento-chave na luta contra o narcotráfico na região. Com grande influência no exército colombiano, Pizarro obteve grande apoio das suas forças da AAA (Aliança Americana Anticomunista), que recebia muitos graduados da SoA, e, com isso, conseguiu

travar grandes conflitos com as FARC. Nunca escondeu sua insatisfação com o governo colombiano nem suas ambições políticas.

10.10. Roberto Hernandez Hernandez – Colômbia

Desde criança, Roberto Hernandez Hernandez tinha contato com a extrema direita. Com pais ligados a movimentos da extrema direita colombiana e às Forças Armadas, Roberto se inscreve na Academia de Cadetes da Colômbia aos 16 anos. Ingressa na School of the Americas em 1970, com 20 anos, devido à recomendações que o parabenizavam pela violência em combate e pelas pregações anticomunistas. Na SoA, se especializa em Forças de Manutenção Automotivas, visando ações nas áreas de mais difícil acesso do território colombiano. No ano de 1976, retorna à instituição, estudando Táticas de Unidades de Infantaria Pequena e Táticas para Áreas Hostis, retornando para a Colômbia no mesmo ano e se juntando com outros militares de extrema direita do país no combate à grupos rebeldes e reclamantes. Com essa junção de forças dentro do Exército colombiano, lidera as ações paramilitares do país sempre pregando conceitos ultradireitistas e combatendo qualquer um que se torne empecilho para o progresso da nação colombiana.

10.11. Roberto D'Abuisson – El Salvador

Roberto D'Abuisson era um major do Exército de El Salvador e grande oponente da Junta Revolucionária de Governo (JRG). Nasceu em 1944, em Santa Tecla, e formou-se na academia militar em 1963, tornando-se oficial direitista da Guarda Nacional. Em 1970 e em 1971, estudou em Washington, DC, na Academia Internacional de Polícia (que mais tarde foi fechada devido às alegações de que ensinavam técnicas de tortura). Em 1972, frequentou a *School of the Americas*, fazendo cursos de comunicações. D'Abuisson se juntou à inteligência militar salvadorenha e se tornou parte do Estado Maior das forças armadas de El Salvador em 1975. Nos anos seguintes, ele afirma a sua oposição pela redistribuição da terra em El Salvador, particularmente aos integrantes da Igreja Católica que defendiam isso. Roberto formou a União dos Guerreiros Brancos, pouco antes do início da Guerra Civil de El Salvador em

1979. Tal grupo era conhecido como um esquadrão da morte, devido ao seu considerável papel na morte e na tortura de muitos, incluindo um bispo católico. Conforme o chefe dos grupos paramilitares, D'Abuisson era um oficial talentoso e um representante de confiança do governo de El Salvador.

10.12. Domingos Monterrosa – El Salvador

O tenente-coronel Domingos Monterrosa Barrios inicia sua carreira militar em 1963, quando entra na Academia Militar Capitão Geraldo Barrios. Em 1966, viaja ao Panamá para estudar na *School of the Americas* e, logo após, a Taiwan, estudando em ambas as localidades táticas de contenção de rebeliões anticomunistas. Um pouco depois de seu retorno a El Salvador, Barrios coordena o massacre de El Mazote, comunidade favorável ao FMLN (Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional), uma guerrilha salvadorenha de ideias socialistas. O tenente-coronel foi comandante das Forças Armadas de El Salvador durante os períodos mais conturbados dos anos 70. Monterrosa era obcecado em destruir os rebeldes *Radio Venceremos*, que faziam duras críticas ao governo, e foi um forte apoiante dos projetos de José Napoleón Duarte.

10.13. José Guillermo García – El Salvador

General José Guillermo García, nascido em 1933, formou-se em 1962 na SoA. Mais tarde, tornou-se o ministro da Defesa, em El Salvador, de 1979 até 1983. García estava no comando das forças militares responsáveis pelos infames massacres de El Mozote e Rio Sumpul, nos quais mais de 1.367 civis foram mortos. Ele também era o ministro da Defesa quando o venerado Arcebispo Oscar Romero foi assassinado e bloqueou qualquer tentativa de uma investigação. Em 1989, mudou-se para a Flórida depois de receber asilo político nos Estados Unidos. Foi um dos maiores defensores do governo militar salvadorenho, sendo um dos mais influentes no exército do país. Sempre manteve laços amigáveis com os Estados Unidos. Na *School*, se especializou na contenção de rebeliões.

10.14. Guillermo Rodriguez – Equador

Guillermo Rodriguez foi o ditador militar do Equador de 1972 a 1976. Rodriguez nasceu em 1924 em Pujili, Chile. Estudou na Escola Militar Eloy Alfaro de Quito e, posteriormente, estudou engenharia. Após lecionar no Colégio Eloy Alfaro, foi para a *School of the Americas*, no Panamá, em 1964, e em 1966 se juntou à equipe da Academia Militar, com honras do presidente. Em 1971, Rodriguez foi nomeado comandante-chefe do Exército, sob a presidência de José Velasco. Em 1972, Rodriguez derrubou o governo do presidente Velasco logo depois de ter sido nomeado presidente do Conselho Militar do Governo, obrigando o então exilado, Velasco, a se dirigir para a Argentina. Rodriguez assumiu o poder num momento de grande euforia provocada pelo petróleo equatoriano, que servia para financiar o desenvolvimento da infraestrutura do país. Guillermo anunciou o controle do governo militar, embora, muitos não perderam a esperança numa reinstalação à Constituição de 1945, que levaria à ordem constitucional mais uma vez. Em 1974, Rodriguez resistiu à tentativa de golpe do general Gonzalez Alvear. Enfraquecido, foi pacificamente removido do poder em 1976. Rodriguez mantém uma grande quantidade de poder político dentro do Equador, e mantém uma postura defensora da maior parte da elite militar e política no país.

10.15. Efraín Ríos Montt – Guatemala

Em 1951, Ríos Montt frequentou a *School of the Americas*. Ele passou a desempenhar um importante papel em 1954, no Golpe de Estado guatemalteco, organizado pela CIA, que substituiu o governo esquerdista do presidente Jacobo Arben Guzman pelo inepto coronel Castillo Armas. Este levou a uma série de golpes, que acabaram por conduzir a Guatemala à guerra civil em 1960, na qual permanece até hoje. Ríos Montt foi chefe do gabinete militar em 1970. Atualmente, é responsável por todas as operações militares do governo e tem um tremendo poder político no país.

10.16. Otto Pérez Molina – Guatemala

Molina é um graduado da *School of the Americas* que é atualmente um membro da Kaibil, unidade de combate às insurgências existente no Exército da Guatemala. Tal unidade é altamente seletiva e contém os melhores soldados de todo o exército. Como chefe da contra insurgência, Molina é incrivelmente poderoso dentro do país. Seus talentos como oficial militar não passaram despercebidos pelo chefe de gabinete, o que o tornou um conselheiro de confiança do governo, bem como um comandante de campo bem sucedido.

10.17. Policarpo Paz García – Honduras

Paz García é Presidente de Honduras desde 7 de agosto de 1978, quando assumiu o controle do país em um Golpe de Estado sem derramamento de sangue. Antes disso, ele era um general e tinha sido recentemente nomeado chefe das Forças Armadas. Até que um novo presidente seja eleito, Paz será o chefe de Estado interino. Se esses planos forem para frente, será o fim do longo período de regime militar em Honduras. Contudo, o nobre objetivo de realizar eleições em Honduras parece estar em desacordo com a realidade das ações do governo de Paz García. Houve um aumento acentuado na utilização de forças do Estado em assassinatos e em tortura de opositores políticos, assim como os casos de corrupção dentro os mais altos níveis do governo se tornaram mais frequentes. O golpe de 1978 foi financiado por um traficante de drogas, e a atual administração obtém considerável lucro com a venda de cocaína e a maconha que vem Colômbia e é vendida dentro do território hondurenho. Policarpo Paz García tem o controle completo do governo e possui relações amigáveis com os cartéis de drogas dentro de Honduras.

10.18. Manuel Noriega – Panamá

Noriega nasceu no Panamá, mas foi treinado nos Estados Unidos, onde adquiriu a maior parte de seu conhecimento militar. Ele apoiou Omar Torrijos,

em 1968, durante o golpe militar, e foi recompensado com o papel de chefe da inteligência militar quando Torrijos tornou-se líder do Panamá. Como o chefe da inteligência militar, Noriega tem obtido sucesso em suprimir quase toda oposição dentro do Panamá. Além disso, ele formou um forte relacionamento com muitos líderes latino-americanos por conta dos cartéis de drogas. Enquanto Torrijos é o governante do Panamá, Noriega adquire fama de agir por conta própria antes de receber a autorização de seu chefe.

10.19. Vladimiro Montesinos – Peru

Vladimiro Montesinos é um graduado da School of the Americas e foi capitão do exército peruano. De 1973 a 1975, Montesinos foi o assessor militar do primeiro-ministro do Peru e capitão das Forças Armadas, General Jarrin. Como chefe do Serviço de Inteligência do Peru, ele foi encarregado de identificar e limitar a oposição política dentro do país, bem como identificar as ameaças estrangeiras e nacionais para o regime atual. Nessa posição, Montesinos foi capaz de conseguir criar uma rede de contatos com os serviços de inteligência estrangeiros e cartéis peruanos. Depois de ser liberado de seus serviços em 1978, ele se formou em Direito e atualmente trabalha como advogado, representando traficantes de drogas e funcionários corruptos.

10.20. Luis Alfredo Maurente - Uruguai

Capitão Luis Alfredo Maurente Mata, também conhecido por 309, entrou no exército em 1966, aos 19 anos de idade, e graduou-se na *School of the Americas* em 1969. Nos anos 70, Maurente foi um dos principais responsáveis pela tortura e execução de cidadãos uruguaios em Automotores Orletti. Luis Alfredo também participou de uma ação de tortura de dissidentes uruguaios que buscaram refúgio na Argentina, deportados ilegalmente pela Operação Condor. Com a “Lei de Anistia para punições pelo Estado”, que imunizava a polícia e Forças Armadas ao violarem os Direitos Humanos, Maurente Mata promove uma série de perseguições ao PVP (Partido Uruguaio Esquerdista de Vitória ao Povo), sendo muitos os ativistas do PVP que estão desaparecidos

até hoje. O Capitão Maurente Mata foi um influente militar nos serviços de inteligência do Uruguai.

11. Referências

No Simple Victory: World War II in Europe, 1939–1945 – DAVIES, Norman. 2008. London: Penguin Books.

The Story of the Second World War. - COMMANGER, Henry Steele, Brassey's, 2004. p. 9. Acessado 11/03/2014, às 14:58.

Las carreras armamentistas navales del Chile, Argentina y Brasil (1891-1923) – GARAY, Christian, Revista Historia Critica, Sept-Dec, 2012, Issue 48, p.39. Acessado 11/03/2014, às 16:34.

Erico Verissimo, a Brazilian Cultural Ambassador in the United States/Erico Verissimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos/Erico Verissimo, embajador cultural en Estados Unidos/Erico Verissimo: un ambassadeur culturel aux Etats-Unis SMITH, Richard Candida, Tempo - Revista do Departamento de Historia da UFF, Jan, 2013, p.147(27). Acessado 11/03/2014, às 18:09.

Consumo de masas, biodiversidad y fitomejoramiento del banano de exportacion, 1920-1980 - SOLURI, John Revista de Historia, July-Dec, 2001, Issue 44, p.33(35). Acessado 12/03/2014, às 13:18.

Running a 'school for dictators.' (U.S. Army's School of the Americas) - WALLER, Douglas .Newsweek, August 9, 1993, Vol.122(6), p.34(2). Acessado 17/03/2014, às 22:47.

Imagining the Midwest in Latin America: US advisors and the envisioning of an agricultural middle class in Colombia's Caeca Valley, 1943-1946 - LOREK, Timothy W.The Historian, Summer, 2013, Vol.75(2), p.283(23). Acessado 18/03/2014, às 12:45.

The Invention of Latin America: A Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race - GOBAT, Michel. The American Historical Review, 2013, Vol. 118(5), pp.1345-1375. Acessado 18/03/2014, às 15:42.

Hollywood embraces Latin culture; Host of films, TV shows star and target Hispanics, reflecting shift in industry.(Multicultural) - WENTZ, Laurel. Advertising Age, Feb 2, 2004, Vol.75(5), p.27. Acesado 18/03/2014, às 19:24.

Latinidad and masculinidad in Hollywood scripts.(Author abstract)(Report) Liberato, Ana S. Q. ; Rebollo - GIL, Guillermo ; FOSTER, John D. ; MORAS, Amanda. Ethnic and Racial Studies, July, 2009, Vol.32(6), p.948(19). Acessado 18/03/2014, às 19:43.

Latin America during World War II- GILDERHUS, Mark T. Hispanic American Historical Review, 2008, 2007, Vol.88(3), p.562. Acessado 18/03/2014 às 15:05

FERNANDES, F. *Da guerrilha ao socialismo: A Revolução cubana*, T. A. Queiroz, Editor, Ltda., PP. 30 e 31.

LE RIVEREND, J., *Historia Económica de Cuba*, Instituto Cubano Del Libro, PP. 213 e 214.

PEIXOTO, F., Documento Secreto da Política Reagan para a América Latina, Editora Huctec, p. 97.

Trechos do Manifesto de Fundação do MR 26 de Julho, redigido por Fidel Castro. REBOLLEDO, A.S., *La Revolución Cubana*, 1953-1962, Ediciones Era, p. 91.

SADER, Emir. *Uma Revolução na América Latina*. Projeto Revoluções [Revolução Cubana].

Trechos do documento *Aspectos básicos dos Acordos da Unidade da Frente Sandinista de Libertação Nacional*. Jornal Companheiro, nº 6, 1979.

GOLSZTEJN, H. *Nicarágua guerrilheira*. Editora Versus, São Paulo, 1979.

MAREGA, M. *A Nicarágua sandinista*. Coleção Tudo É História. Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

CARRANZA, Octavio, *Radiografía de los Populismos Argentinos*.

GUGLIOTTA, Guy, *Argentina's Dirty War*.

TAQUARI, Carlos, *Tiranos & Tiranetes*.

BLUM, William, *Killing Hope: US Military and CIA Interventions since World War II*.

SOA Watch, Trial (Track Impunity Always), Derechos Humanos en Latinoamérica, CJA – Center for Justice & Accountability

WILLIAM, Leo Grande. *Our Own Backyard: The United States In Central America, 1977–1992*. University of North Carolina Press. p. 263.

ALLISON, Graham T.; **ZELIKOW**, Philip. *Essence of decision: explaining the Cuban missile crisis*. 2nd ed. New York: Longman, 1999. **BAILEY**, Thomas A. *America faces Russia: Russian-American relations from early times to our days*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1950.

BANDEIRA, L. *De Martí a Fidel – a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. Editora Fundamento, 2005.

BULL, H. *The Anarchical Society [A Sociedade Anárquica]*, Londres, Macmillan, Nova York, Columbia University Press, 1977.

CASARÕES, Guilherme, LASMAR, Jorge. *A Organização das Nações Unidas*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2006.

DAMROSCH, Lori F., HENKIN, Louis, PUGH, Richard Crawford, SCHACHTER, Oscar, SMIT, Hans. *International Law, Cases and Materials*. 4ª edição. St. Paul: West Group, 2001.

FRANCHINE NETO, H. A política externa independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962. 2005, Revista Brasileira de Política Internacional. Brasília: IBRI, ano 48, n. 2, p. 129-151, 2005.

GIORDANI, Mario Curtis. História do Século XX. Editora Idéias & Letras, 2012.
GOODWIN, R. O Futuro da Liberdade e a Aliança para o Progresso. 1962, Revista Brasileira de Política Internacional. Brasília: IBRI, ano V, n.17, p. 17-30, 1962.

HALLIDAY, F. Rethinking International Relations. London: MacMillan, 1994.